

## Artigo

### Entre o real e o engajamento: A crise da mediação na era algorítmica

Wendell Reis\*

#### **Resumo**

Este artigo analisa a transformação da linguagem em contextos digitais marcados pela intensificação afetiva e pela desarticulação da mediação simbólica. Propõe-se o conceito de “necrose do signo” para descrever não a interrupção da semiose nem a dissolução da referência ao real, mas a degeneração de sua função mediadora em circuitos autorreferentes de afecção, repetição e engajamento algorítmico. A partir da teoria da crença de Charles S. Peirce, examinam-se os modos degenerados de fixação da crença: tenacidade, autoridade e *a priori*, em ambientes nos quais a Primeiridade sobrepõe-se à Terceiridade. Discursos performáticos de influenciadores e líderes religiosos são analisados como sintomas dessa degeneração semiótica, na medida em que mobilizam afetos, crenças prévias e formas de pertencimento coletivo para reduzir, sem eliminar, a abertura do signo à alteridade do objeto dinâmico. Argumenta-se que tais discursos canalizam afetos como o ódio e o ressentimento, convertendo o signo em instrumento de clausura simbólica. Defende-se, por fim, uma reaproximação do pragmatismo peirciano como ética da inquirição, capaz de reorientar a semiose para sua função mediadora e de restituir à linguagem sua dimensão pública de escuta, investigação e convivência.

**Palavras-chave:** Semiótica. Pragmatismo. Linguagem. Crença. Signos.

#### *Between reality and engagement: the crisis of mediation in the algorithmic age*

#### **Abstract**

This article examines the transformation of language in digital environments marked by affective intensification and weakened symbolic mediation. It introduces the concept of sign necrosis to describe not the interruption of semiosis, but the degeneration of its mediating function into self-referential circuits of affect, repetition, and algorithmic engagement. Drawing on Charles S. Peirce’s theory of belief fixation, the article analyzes degenerated modes of belief, tenacity, authority, and *a priori*, in contexts where Firstness tends to overshadow the mediating role of Thirdness. Performative discourses by influencers and religious figures are examined as symptoms of this process, insofar as they mobilize affects, prior beliefs, and collective belonging while reducing the sign’s openness to the alterity of the object. Finally, the article defends renewed engagement with Peircean pragmatism as an ethics of inquiry capable of reorienting semiosis toward mediation, investigation, and coexistence.

**Keywords:** Semiotics. Pragmatism. Language. Belief. Signs.

\* Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

E-mail: [wendreis@yahoo.com.br](mailto:wendreis@yahoo.com.br)

**D**urante uma transmissão litúrgica amplamente viralizada nas redes digitais, um jovem de apenas quinze anos declarou, em tom performático: “Eu rasgo o câncer, eu filtro o teu sangue e eu curo a leucemia”<sup>1</sup>. A repercussão foi imediata e massiva, oscilando entre o fascínio devocional e o escárnio irônico. Tal enunciado, no entanto, não deve ser tomado como um caso isolado de excentricidade retórica, mas como sintoma de uma mutação mais profunda no regime contemporâneo de significação - uma inflexão em que a performatividade suplanta a referencialidade e a eficácia simbólica se desloca para o plano da afecção e da repetição.

2

Este artigo propõe uma análise semiótica dessa inflexão discursiva, que denominamos necrose do signo: não a morte da semiose nem a dissolução da referência ao real, mas a degeneração da função mediadora da linguagem em contextos nos quais os signos, embora continuem a circular intensamente, passam a operar em circuitos autorreferentes de afecção, repetição e engajamento algorítmico. Nessa conjuntura, o discurso já não se orienta prioritariamente pela abertura ao objeto dinâmico e pela possibilidade de correção da crença, mas tende a funcionar como dispositivo de captura afetiva - cuja força reside menos na correspondência com o mundo do que na capacidade de produzir efeitos de adesão, mobilização e pertencimento.

Partimos, assim, da hipótese de que os mecanismos tradicionais de produção de sentido atravessam um processo de degeneração funcional. Não se trata apenas da proliferação de inverdades, mas da consolidação de sistemas semióticos nos quais a abertura ao real é enfraquecida por circuitos de validação imanente. Quando figuras públicas recorrem a declarações que contradizem frontalmente evidências empíricas ou princípios éticos amplamente reconhecidos, não estamos diante de lapsos morais isolados, mas de enunciados performativos que operam segundo uma lógica autorrealizável, pouco permeável à refutação. Tais discursos não se orientam prioritariamente pela correspondência com o real, mas pela produção de efeitos de crença, adesão e mobilização, sustentando-se na repetição afetiva e na blindagem simbólica contra a revisão crítica.

1. A fala foi proferida por Miguel Oliveira, conhecido como “pastor mirim”, durante uma transmissão divulgada nas redes sociais em 2023. No vídeo, o jovem de 15 anos afirma: “Eu rasgo o câncer, eu filtro o teu sangue e eu curo a leucemia”, enquanto realiza uma performance religiosa diante de uma mulher supostamente doente. Posteriormente, a própria mulher veio a público esclarecer que não foi curada e que continua em tratamento. O episódio gerou ampla repercussão e levou o Conselho Tutelar a proibir temporariamente as pregações públicas do adolescente.

Sustentamos que a emergência de discursos que operam por afecção e repetição expressa uma mutação no regime contemporâneo de significação - que denominamos necrose do signo - para além de uma leitura estritamente moral do fenômeno. Trata-se de uma degeneração da função mediadora da linguagem, na qual os signos continuam a circular intensamente, mas passam a favorecer modos de adesão, pertencimento e fixação afetiva da crença, em detrimento da abertura à alteridade do objeto.

Para enfrentar essa nova paisagem discursiva, propomos uma reaproximação do pragmatismo de Charles Sanders Peirce - não como doutrina normativa fechada, mas como ética da inquirição. Essa atitude filosófica recoloca a pergunta pela significação no centro da experiência comunicativa e permite reorientar a semiose para sua função mediadora. Pois, se o absurdo se converteu em forma recorrente de engajamento e pertencimento, é apenas pela via da investigação coletiva que poderemos restituir ao signo sua abertura ao real e à linguagem sua dimensão pública de escuta, mediação e convivência.

3

### **1. Necrose semiótica: a degeneração do signo na era da performatividade algorítmica**

Segundo Lúcia Santaella (2020), o signo, na tradição peirciana, constitui um processo triádico que envolve um *representamen*, um objeto e um interpretante. Este último não deve ser compreendido como simples conteúdo mental produzido em um intérprete individual, mas como um novo signo - ou efeito semiótico - que prolonga e medeia a relação entre o *representamen* e o objeto. Tal estrutura pressupõe que o signo não opere como unidade isolada, mas como mediação dinâmica, capaz de produzir efeitos emocionais, energéticos ou lógicos que se desdobram em novas cadeias de significação. O que se observa em certos discursos performáticos amplificados pelas redes digitais é a degeneração dessa função mediadora, e não sua interrupção.

Em diálogo com as reflexões de Ivo Assad Ibri (2020) sobre os interpretantes emocionais, podemos compreender esse fenômeno como uma degeneração do processo semiótico. Nela, os interpretantes emocionais passam a predominar sobre os interpretantes lógicos e finais, não porque a mediação entre signo e objeto seja suprimida, mas porque sua orientação corretiva é

enfraquecida. Em vez de conduzir a ação por hipóteses verificáveis e pela revisão comunitária das crenças, certos discursos favorecem interpretantes de adesão imediata, sustentados por afecção, repetição e engajamento. Sua eficácia, portanto, não reside na ausência de mediação, mas na produção de uma mediação empobrecida, pouco permeável à crítica e orientada à fixação afetiva da crença.

Ibri observa que os interpretantes emocionais são marcados pela presentidade e pela ausência de regras projetivas voltadas à conduta futura. Neles, predomina o *Kairós* (o instante afetivo) em detrimento do *Chronos*, entendido como temporalidade aberta à projeção, à continuidade e à correção pela experiência:

Os interpretantes emocionais pragmaticamente levam a ações que não tomam em conta o futuro e, assim, são tipicamente ações marcadas pela sua presentidade. Os contínuos de qualidades que caracterizam os interpretantes emocionais não contêm regras projetivas direcionadas à conduta futura dos fatos, da alteridade (Ibri, 2020, p. 235).

Quando um jovem pastor proclama curar enfermidades terminais mediante a enunciação verbal, ou quando um *coach* se autodenomina “código do céu”<sup>2</sup>, não estamos diante de signos orientados prioritariamente à verificação racional de seu objeto no mundo empírico. Trata-se de manifestações semióticas de forte carga afetiva, cuja eficácia simbólica repousa menos na correção representativa do que na capacidade de instaurar adesão, mobilizar crenças prévias e produzir pertencimento. A representação permanece operante, mas subordinada a uma lógica de adesão: os signos capturam a atenção e produzem sentido por meio de uma performatividade simbólica que intensifica afetos e reduz a abertura à revisão crítica.

Compreendemos a necrose do signo como uma patologia funcional da semiose: a mediação sígnica persiste, mas passa a operar em regime de baixa vitalidade interpretativa. *Representamen*, objeto e interpretante permanecem em relação, embora essa relação tenda a se organizar em circuitos de repetição afetiva, validação algorítmica e recursividade simbólica. A representação concentra-se, então, em objetos imediatos estabilizados pela crença, enquanto a convocação crítica do objeto dinâmico é filtrada, retardada ou neutralizada por hábitos interpretativos pouco permeáveis à experiência corretiva. Desse modo, a semiose não colapsa; desvia-se de sua orientação normativa, favorecendo interpretantes

2. A expressão “código do céu” é empregada aqui como síntese analítica de uma retórica espiritualizada dos “códigos” associada a Pablo Marçal, recorrente em conteúdos que vinculam prosperidade, propósito, desbloqueio pessoal e sabedoria bíblica. Há registros públicos de conteúdos intitulados, por exemplo, “Sacrifício, Oferta e Adoração: O Código do Céu Revelado em Gênesis - Pablo Marçal”, além de obras vinculadas à mesma semântica dos “códigos”, como *Os Códigos do Milhão*. Não se atribui à expressão estatuto doutrinário fixo, mas a tomamos como índice de uma linguagem performativa que articula motivação, espiritualidade e promessa de transformação pessoal.

emocionais, adesões coletivas e fixações afetivas da crença em detrimento da investigação compartilhada do real. A linguagem continua a significar, mas passa a fazê-lo de modo instrumental, orientada menos pela revisão comunitária da crença do que pela produção de impacto, engajamento e pertencimento.

## **2. Do Hábito à Repetição: A Crença como Feitiço na Cultura Algorítmica**

Esse cenário nos convoca a retomar uma das formulações mais fecundas de Charles S. Peirce: a de que a crença não é um dado estático, mas um hábito de ação que se consolida no enfrentamento da dúvida - essa inquietação que move a investigação. Em seu ensaio sobre os modos de fixação da crença (CP 5.377–5.384)<sup>3</sup>, Peirce descreve diferentes maneiras pelas quais uma crença pode ser estabilizada: pela tenacidade, pela autoridade, pelo método *a priori* ou pelo método científico. Sem projetar retrospectivamente sobre esse texto o vocabulário técnico da semiótica madura, podemos, contudo, relê-lo em chave semiótico-pragmática: cada método indica um modo distinto de lidar com a dúvida, com a experiência e com a possibilidade de revisão das crenças. É nesse horizonte que a necrose semiótica se revela não como interrupção da significação, mas como desvio degenerativo da mediação, quando certos circuitos de comunicação favorecem a confirmação afetiva da crença, reduzem sua exposição à crítica e enfraquecem a convocação do objeto dinâmico como instância corretiva.

No método da tenacidade, a crença se fixa pela obstinação em preservar convicções previamente estabelecidas, mesmo diante da resistência dos fatos. Trata-se de uma forma de fechamento à alteridade, em que a dúvida - motor da investigação - é substituída por um apego emocional à estabilidade. Peirce descreve essa postura como a atitude daquele que reitera continuamente uma opinião e aprende a afastar, com desprezo ou hostilidade, tudo aquilo que possa perturbá-la (CP 5.377). Ibri, por sua vez, interpreta a tenacidade como o método que busca vedar a mente aos objetos dinâmicos capazes de afetar os objetos imediatos fixados no interior das opiniões, caracterizando-a como uma “crença morta” (Ibri, 2020). Nesse regime, o signo não deixa de mediar, mas passa a fazê-lo de modo empobrecido, favorecendo interpretantes de confirmação em vez de interpretantes abertos à revisão pela experiência.

3. As referências do tipo “CP” seguidas de numeração (como CP 5.382) remetem à obra *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, publicada originalmente em oito volumes entre 1931 e 1958, sob a edição de Charles Hartshorne, Paul Weiss e Arthur W. Burks. A notação indica o volume e o parágrafo correspondente dentro dessa coletânea, amplamente utilizada nos estudos peirceanos.

Nesse regime de clausura simbólica, a Primeiridade<sup>4</sup> tende a dominar a organização da semiose, não porque a Segundidade deixe de se impor, mas porque sua função corretiva é enfraquecida no curso do processo interpretativo. O signo passa a privilegiar qualidades imediatas e afetivas, produzindo interpretantes marcados pela presentidade, com reduzida projeção lógica e escassa abertura à revisão pela experiência. O interpretante que daí resulta não emerge de um processo de inquirição orientado pela dúvida, mas de uma presentificação afetiva que tende a se estabilizar na repetição. Frases como “eu rasgo o câncer”, proferidas em performances religiosas, operam como mantras que condensam a complexidade biomédica em um gesto de fé instantânea. Trata-se de interpretantes emocionais que não se orientam prioritariamente pela verdade como horizonte regulador, mas pela afecção como efeito imediato. Não suspendem a mediação semiótica, mas a reduzem a um circuito ritualístico de repetição, pouco permeável ao diálogo crítico com a alteridade do real.

Em termos semiótico-pragmáticos, a crença tenaz oferece estabilidade, mas reduz a disposição à aprendizagem, pois tende a preservar os objetos imediatos já fixados no interior da opinião contra a intervenção corretiva do objeto dinâmico. A mediação passa, assim, a favorecer interpretantes de confirmação, reforçando hábitos estabilizados e retardando a incorporação crítica da alteridade do real.

No modo da autoridade, a crença não emerge de um processo aberto de investigação compartilhada, mas é estabilizada por uma instância hierárquica - institucional, carismática ou simbólica - que orienta a interpretação dos signos e regula a conduta dos sujeitos. A mediação passa a ser disciplinada por essa instância, reduzindo a pluralidade interpretativa e restringindo a revisão crítica das crenças. A autoridade estabiliza objetos imediatos e hábitos de interpretação, fazendo com que a experiência seja lida a partir de esquemas previamente autorizados. A força corretiva do objeto dinâmico é, assim, filtrada por uma estrutura que privilegia a repetição da norma, a obediência e a conservação do hábito, em detrimento da abertura a novas possibilidades interpretativas.

Essa truncagem da dialogia semiótica, como observa Ibri, não apenas empobrece o processo interpretativo, mas favorece o uso do signo como artefato de poder. Nas redes digitais, essa lógica se atualiza sob a forma de algoritmos

4. As categorias fenomenológicas de Peirce, Primeiridade, Segundidade e Terceiridade, correspondem, respectivamente, à qualidade do possível (o que é sentido, mas ainda não determinado), ao fato da existência (o que resiste e impõe-se como alteridade) e à mediação (a relação que articula o primeiro ao segundo por meio de leis, hábitos ou raciocínio). Essas categorias estruturam toda a sua teoria da semiose e da experiência. Para uma introdução acessível, ver: Ibri, 2020.

que operam como autoridades invisíveis, premiando conteúdos que geram engajamento afetivo, mesmo quando reduzem a abertura à verificação e à correção pela experiência. O interpretante lógico, que exigiria confronto com o real e revisão crítica da crença, cede lugar ao interpretante energético: ações imediatas como compartilhar, curtir e replicar.

A autoridade, hoje, já não se ancora apenas em instituições formalmente constituídas, mas também em performances que simulam proximidade e horizontalidade. Influenciadores e *coaches*, como Pablo Marçal ou o Pastor Mirim, exemplificam essa modalidade de autoridade carismática, cuja força deriva menos de credenciais técnicas do que da capacidade de afetar, capturar angústias difusas e convertê-las em promessas de sentido. Quando se autoproclama “código do céu”, Marçal mobiliza uma linguagem que reduz sua abertura à verificação pela experiência e passa a operar prioritariamente pela adesão afetiva. Nesse sentido, tais atuações atualizam, no ambiente algorítmico, traços do método da autoridade descrito por Peirce: a crença fixa-se não pelo exame crítico da experiência, mas pela força de uma voz que se apresenta como portadora de um sentido privilegiado.

Nesse cenário, a autoridade já não orienta apenas o que se deve crer, mas também como se deve sentir. A crença, então, não resulta da inquirição, mas de adesão afetiva; e o signo, sem deixar de mediar, passa a operar em circuitos de confirmação que reduzem sua abertura à revisão pela experiência. Pela repetição e pela validação algorítmica, aquilo que se apresenta como ficção discursiva pode adquirir a força prática de norma, fixando hábitos de crença pouco permeáveis à crítica.

Já no método *a priori*, a crença não se ancora diretamente na experiência nem na autoridade externa, mas naquilo que parece razoável, elegante ou emocionalmente satisfatório ao espírito. Peirce observa que esse método fixa convicções por sua “agradabilidade à razão”, e não por sua aderência ao real (CP 5.380–5.382). Trata-se de uma racionalização do desejo, em que construções conceituais internamente coerentes passam a adquirir aparência de verdade, embora permaneçam pouco expostas à correção pela experiência.

Ibri aprofunda essa crítica ao mostrar que, nesse regime, a crença não se constitui por diálogo efetivo com objetos dinâmicos, mas por objetos que permanecem interiores ao signo, isto é, por construções cuja realidade não se confirma pela experiência possível. Por isso, sua aceitação tende a apoiar-se em interpretantes emocionais, e não em interpretantes lógicos dotados de poder preditivo e abertura à correção pelo real (Ibri, 2020).

Essa dinâmica é visível em discursos que prometem sentido imediato em meio ao caos, doutrinas metafísicas fechadas à experiência, teorias conspiratórias ou fórmulas mágicas de autossuperação. A pandemia de COVID-19 escancarou essa tensão. Enquanto a ciência buscava vacinas por meio da inquirição coletiva, grupos inteiros aderiram à Ivermectina como solução totalizante, movidos por uma disposição em que o desejo de controle se sobrepunha à revisão crítica das evidências. O método *a priori*, nesse contexto, revela sua face mais perigosa: a crença como conforto, mesmo quando esse conforto retarda o confronto com a resistência do real.

Nessas três formas não científicas de fixação da crença, observa-se um progressivo enfraquecimento da função mediadora do signo. A representação permanece operante, embora se organize em torno de objetos imediatos já estabilizados pela crença, com reduzida incorporação crítica do objeto dinâmico. A necrose semiótica configura-se, nesse contexto, como desvio degenerativo da mediação. Os signos continuam a circular e a produzir interpretantes, mas passam a fazê-lo prioritariamente por repetição performática, afirmação dogmática e validação simbólica, favorecendo a fixação afetiva da crença em detrimento da investigação compartilhada do real.

O que se evidencia, portanto, é a conversão do signo em instrumento de clausura epistêmica. A mediação passa a operar em baixa intensidade crítica, sustentando regimes de crença pouco permeáveis à revisão. O interpretante lógico, orientado à ação futura por hipóteses submetidas ao confronto com a Segundidade dos fatos, é subordinado por interpretantes emocionais que reforçam crenças já estabilizadas. A dúvida, então, é neutralizada antes de se converter em investigação, enquanto a alteridade do real tem sua força corretiva retardada por circuitos de afecção, repetição e confirmação.

### **3. A Fé no Absurdo e o Ódio como Pertencimento: A Crise Ética da Linguagem**

Para compreender essa degeneração da mediação, é preciso olhar não apenas para os signos que nela circulam, mas também para as condições afetivas que favorecem sua recepção. Os signos necróticos encontram ressonância em sujeitos atravessados por angústias, incertezas e carências simbólicas. A adesão ao absurdo não deve ser compreendida apenas como erro de julgamento, mas como resposta afetiva a experiências fragmentadas, opacas ou difíceis de elaborar. Quando a linguagem perde parte de sua força mediadora, certos discursos oferecem abrigo provisório em signos que prometem sentido imediato. Funcionam, assim, como anestésicos semióticos, não eliminam a dúvida, mas retardam sua conversão em investigação crítica.

9

Há, nesse gesto de adesão, uma busca por pertencimento. Em contextos de fragmentação comunitária e enfraquecimento de referências compartilhadas, discursos autorreferentes oferecem não apenas respostas, mas vínculos identitários. Compartilhar um vídeo de “cura milagrosa” ou repetir um “código do céu” é participar de uma comunidade simbólica de crença que oferece reconhecimento e orientação. A novidade da era algorítmica não está na existência desses modos de fixação, já descritos por Peirce nos métodos da tenacidade e da autoridade, mas na velocidade, na escala e na personalização com que são reforçados por circuitos digitais de repetição e engajamento. A alteridade do real permanece capaz de abalar tais crenças, embora sua força corretiva seja retardada por comunidades de validação que transformam o absurdo em sinal de pertencimento e a repetição em prova de lealdade.

A recusa da complexidade aparece, nesse quadro, como forma de sobrevivência simbólica. Em um mundo saturado de dados, crises e ambivalências, o desejo por narrativas simples e redentoras torna-se compreensível. Como lembra Blumenberg, precisamos de ficções funcionais para suportar o caos (Blumenberg, 2001, p. 102). O problema emerge quando essas ficções reduzem sua abertura à Segundidade e se convertem em dogmas pouco permeáveis à revisão crítica. A adesão ao absurdo, nesse sentido, não é simplesmente irracional, mas antirracional, não elimina o real, mas evita o confronto com sua força corretiva por exaustão, medo ou necessidade de consolo. É nesse esgotamento que o signo necrótico encontra sua força - não porque esclarece, mas porque consola.

Uma das expressões mais agudas dessa degeneração aparece na linguagem do ódio. Nas redes sociais, plataformas concebidas para conectar tornam-se também palcos em que o desprezo se converte em desempenho identitário. O ódio não é apenas um afeto, é estratégia de visibilidade. Na economia da atenção, em que a invisibilidade equivale à morte simbólica, a virulência converte-se em moeda (Debord, 1997). O insulto, o cancelamento e a humilhação pública tornam-se formas de presença. O signo, aqui, comunica ferindo, produz interpretantes emocionais e energéticos que reforçam pertencimentos, intensificam antagonismos e reduzem a abertura à mediação crítica. O “justiceiro digital” que persegue estranhos não busca propriamente justiça, busca pertencimento. A necrose semiótica, nesse caso, não é apenas epistemológica; é ética.

A lógica do ódio não permanece confinada à política institucional, infiltra-se nas tramas do cotidiano, nos vínculos familiares, nas salas de aula e nas relações afetivas. A promessa de cura do câncer por um pastor mirim, ou as performances espetaculares de *influencers* que se autoproclamam “códigos do céu”, expressam uma circulação sígnica afetivamente saturada, na qual interpretantes emocionais e energéticos ganham primazia sobre a revisão crítica da crença. Esses discursos canalizam ressentimentos difusos em figuras performáticas que empobrecem a linguagem como mediação e a reconfiguram como espetáculo. A política, nesse cenário, não inventa o ódio; encena-o com a estética aprendida nas telas, convertendo a linguagem em instrumento de antagonismo e o absurdo em forma de pertencimento identitário.

Se a necrose do signo designa a degeneração da mediação, a linguagem do ódio talvez seja uma de suas manifestações mais agudas. Resta perguntar se esse circuito de afecção, repetição e hostilidade é irreversível. A resposta talvez esteja na própria ambivalência da linguagem: ela pode ferir, mas também pode recompor vínculos e restituir formas de reconhecimento. Reconstruir uma ética do olhar exige mais do que moderação de conteúdo, exige reimaginar os espaços digitais como ambientes de mediação, escuta e inquirição compartilhada, nos quais a dignidade não seja moeda de troca, mas fundamento da convivência.

## **Considerações Finais**

A emergência de discursos que operam por afecção e repetição, seja nos púlpitos digitais de pastores adolescentes, nas promessas esotéricas de *coaches* que se autoproclamam códigos divinos, ou na estética da crueldade que prolifera nas redes, não constitui apenas um desvio retórico, mas uma mutação profunda no regime de significação contemporâneo.

Como procuramos demonstrar ao longo deste artigo, estamos diante de um fenômeno que ultrapassa o domínio da retórica ou da moralidade individual, trata-se de um processo sistêmico de necrose semiótica, em que a mediação sígnica se empobrece e passa a favorecer circuitos de afecção, repetição e engajamento, retardando a incorporação crítica da alteridade do real.

11

A linguagem, nesse contexto, continua a operar como mediação, mas em baixa intensidade investigativa. Sua função interrogativa e crítica é progressivamente subordinada a dispositivos de engajamento afetivo e validação algorítmica. Em vez de uma substituição da semiose triádica peirciana, observa-se sua orientação degenerada. *Representamen*, objeto e interpretante permanecem em relação, mas a circulação dos signos passa a privilegiar interpretantes emocionais e energéticos, repetição performática e crenças pouco permeáveis à revisão crítica. A Segundidade, enquanto resistência do mundo, continua a se impor, embora sua força corretiva seja filtrada ou retardada; e a Terceiridade, como mediação lógica e orientação da conduta futura, vê-se enfraquecida pela predominância de uma Primeiridade exacerbada, marcada pelo impacto sensível, pela adesão afetiva e pelo pertencimento identitário.

O signo, que deveria mediar representação, experiência e conduta, passa a operar como feitiço, fetiche e fórmula de pertencimento. Sua eficácia repousa menos na verificação do que enuncia do que na intensidade com que afeta, mobiliza e confirma crenças já estabilizadas. A crença, nesse regime, fixa-se por mecanismos de tenacidade, autoridade e agradabilidade *a priori* - formas de clausura epistêmica que Peirce já havia diagnosticado como insuficientes diante da inquietação da dúvida e da resistência da experiência.

A necrose do signo não é, portanto, um acidente periférico, mas um índice da crise da mediação crítica nas sociedades digitais. Em tempos de saturação informacional, enfraquecimento de referências compartilhadas e economia da atenção hipercompetitiva, a linguagem tem sua vocação investigativa reduzida e passa a operar como resposta simbólica à incerteza. Sujeitos atravessados por angústias difusas encontram abrigo provisório em signos que prometem sentido imediato, organizados em circuitos de afecção, repetição e confirmação. O absurdo, nesse contexto, torna-se tolerável e, por vezes, desejável, ao funcionar como marca de autenticidade e gesto de resistência contra um sistema percebido como frio, técnico e desumanizador.

12

É justamente por isso que a ética da inquirição peirciana não pode ser reduzida a uma metodologia acadêmica ou a um ideal abstrato de racionalidade. Ela deve ser retomada como gesto ético-político de recondução da linguagem à experiência e da crença à alteridade do real. A Terceiridade, nesse sentido, não é apenas a dimensão lógica do signo, mas o princípio mediador que sustenta a continuidade da investigação, a revisão dos hábitos e a construção comunitária da verdade. Reabilitá-la implica resistir aos automatismos do engajamento algorítmico, recusar o conforto narcísico das crenças dogmáticas e preservar a tensão fecunda entre dúvida, experiência e investigação.

Se a linguagem pode ser conduzida por circuitos de *nonsense*, afecção e repetição, ela também pode ser reorientada como espaço de criação e convivência. Mas isso exige mais do que denunciar os regimes de clausura interpretativa, exige habitar a fragilidade da dúvida, assumir a responsabilidade da escuta e cultivar uma comunidade simbólica orientada não pela adesão imediata, mas pela abertura à experiência. Como nos lembra Peirce, a verdade não é uma posse individual, mas o horizonte de uma investigação coletiva, na medida em que nossas crenças se deixam transformar pela alteridade que o mundo - e o outro - continuamente nos oferece (CP 5.407).

Diante do evangelho do absurdo, a tarefa que se impõe é menos a de vencer o delírio com razão pura do que a de reencantar a linguagem como espaço comum. Um espaço no qual os signos não sejam apenas veículos de adesão, mas instrumentos de mediação, investigação e convivência. Se há esperança de recompor a vitalidade simbólica do discurso, ela reside precisamente na

disposição de reorientar a semiose para sua função mais fecunda: articular experiência, pensamento e comunidade; sustentar o diálogo entre o eu e o outro; e transformar o caos da significação em horizonte compartilhado de sentido.

**\*Wendell Reis** é Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pesquisa voltada à análise crítica da verdade, da pós-verdade e dos processos de produção de crenças sob a perspectiva do pragmatismo peirciano e da psicologia cognitiva. Desenvolve projeto de doutorado em Filosofia, com interesse especial nos efeitos simbólicos, cognitivos e sociais da economia da atenção, das redes sociais e das chamadas “microcomunidades emocionais” na formação de crenças contemporâneas.

Contato: [wendreis@yahoo.com.br](mailto:wendreis@yahoo.com.br)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8772687616513917>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5454-4806>

13

Recebido em: 12/06/2025

Aprovado em: 08/05/2026

Editor de texto: Sandro Adams

Editor-Chefe Discente: Sandro Adams

Como citar este texto: REIS, Wendell. Entre o real e o engajamento: a crise da mediação na era algorítmica. **Perspectivas Sociais**, vol. 12, n. 01, e1229372, 2026.

## Referências bibliográficas

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAGGIO, R. H. **Como as redes fixam crenças: uma análise realista da pós-verdade e suas implicações semiótico pragmáticas**. 2021. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

BLUMENBERG, H. **A legitimidade da era moderna**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

BORGES, P; CARDOSO, T. Mind, beliefs and internet social media: a Peircean perspective. **Trasn/form/ação**, v. 47, n. 2, e02400134, 2024.

14

CARDOSO, T; AMARAL, G. R. Contributions of Peircean philosophy to contemporary debates on disinformation. **Cognitio**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1–15, 2025.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

IBRI, I. A. **Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

IBRI, I. A. Pragmatismo e técnica. **Hypnos**, Ano 3, n. 4, p. 149–155, 1998.

IBRI, I. A. **Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 1, 2020.

IBRI, I. A. **Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 2, 2021.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 8 v, 1931–1958.

ROMANINI, A. V.; GUARDA, R. F. da. Fixação de crenças, big data e fake news: a campanha de difamação contra Marielle Franco. **Cognitio-Estudos**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 88-101, 2019.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, L. **Desinformação e caos digital**. São Paulo: Paulus, 2023.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2020.